

A atuação das mulheres no grupo guerrilheiro urbano argentino “montoneros”

Amanda Monteiro Diniz Carneiro¹

Resumen

O presente artigo tem como objeto, analisar a atuação das mulheres no grupo de esquerda da Argentina, denominado Montoneros, no período de 1960 a 1979. O estudo da atuação das mulheres, principalmente em grupos políticos que se denominam revolucionários, torna-se fundamental para problematizar os espaços masculinizados da política e também para se pensar as mulheres como atores históricos, principalmente nos movimentos populares e no jogo político na Argentina.

Palavras Chave: Mulheres; atuação; montoneros.

¹ Mestranda em Ciências Humanas pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Curriculum: <http://lattes.cnpq.br/0197484180756912>

A atuação das mulheres no grupo guerrilheiro urbano argentino “montoneros”

Introdução

O grupo de esquerda da Argentina, denominado Montoneros se organizou em fins dos anos de 1960. Recebeu influências do contexto Argentino e também da revolução cubana, principalmente no que se refere à luta armada. Era constituído, em sua maioria, por jovens que tinham a pretensão de transformar a Argentina em um país socialista, defendiam o anti-imperialismo e o fim do capitalismo. Nas décadas de 1960 e 1970 muitas mulheres jovens se envolveram na luta política, entretanto, por serem mulheres, em muitos casos, não alcançaram espaços de direção ou desenvolviam tarefas ditas “femininas”. Dessa forma, buscamos então, discutir a inserção de algumas dessas mulheres e mostrar de maneira geral, como atuavam nos espaços masculinizados nesse período.

Poucos estudos discutem sobre a condição feminina nos espaços políticos, como por exemplo, nos partidos, sindicatos, etc, durante esse período. Geralmente, debates são realizados sem diferenciar a questão de gênero, seus impactos e diferenças na militância e no interior das organizações políticas. Dessa forma, pretendemos explorar novas perspectivas para se pensar as mulheres como sujeitos históricos. Inicialmente abordaremos a formação e atuação do grupo Montoneros no contexto argentino, em seguida a atuação das mulheres no grupo.

1- A formação e atuação do grupo *Montoneros*

O grupo Montoneros² surgiu aproximadamente em fins dos anos de 1960, a partir da esquerda peronista.

O peronismo³ englobava uma direita e uma esquerda com diferentes ideais. A direita peronista era constituída pela corrente sindical-burocrata e por grupos empresariais que se beneficiavam com a política protecionista e antiliberal estabelecida pelos governos de Perón

² Un montonero era aquel que se rebelaba por razones políticas contra las autoridades departamentales, provinciales, o nacionales. En algunos casos, revolucionario y montonero eran sinónimos (La Fuente, 2007, p. 112). Os montoneros, aos olhos dos oligarcas representavam um monte de ignorantes selvagens-os montos- Os montoneros formulavam-se em fins dos anos 1960. Contudo o grupo que marcou a luta antiimperialista na especificidade Argentina teve sua primeira aparição pública em 29 de maio de 1970 com a chamada operación Pindapoy (Rocha, 2011, p. 80).

³ Segundo Etulain, o peronismo é um “objeto” complexo, porque não se compõe apenas pelo partido peronista, ou mesmo pelos sindicatos. Trata-se de um movimento que reúne diferentes setores sociais em torno de uma amálgama definida a partir do vínculo entre o povo e a figura de Perón. O peronismo em sua função de representar os interesses populares promove sua unidade com base na força opositora deste conteúdo popular (Etulain, 2001 p.100-101).

(1946-1955, 1973-1974). Além desses, a direita era constituída também por organizações para militares que incitavam o terror em nome de uma bandeira peronista. Já a esquerda peronista, era composta em sua maioria, por jovens que acreditavam que a luta dos trabalhadores seria o alicerce principal, para a luta- inspirada na revolução e não na democracia- contra o imperialismo e o fim do capitalismo. Era caracterizada como um grupo que se sustentava na figura de Perón, mesmo que esse não compartilhasse da sua posição ideológica. Dessa maneira, a esquerda utilizava-se dos discursos peronistas a fim de alcançar o apoio das classes trabalhadoras para legitimarem-se enquanto movimento social ou partidário (Rocha, 2011, p. 63).

É importante ressaltar que a formação do grupo em 1960 sofreu, além de influências específicas do contexto da Argentina, influências externas que moldaram a identidade do grupo. Partindo desse princípio, podemos destacar como influencia externa, a urgência revolucionária trazida pela Revolução Cubana, principalmente no que se refere à luta armada. Como influências internas podemos destacar as manifestações no seio da Igreja, em que muitos jovens lutaram contra a exploração e a pobreza, e o próprio Peronismo que também influenciou no processo de formação desse grupo e de outros que também surgiram nesse período.

O grupo Montoneros foi um dos mais importantes do período. Era constituído, em sua maioria, por jovens que tinham a pretensão de transformar a Argentina em um país socialista, defendiam o anti-imperialismo e o fim do capitalismo. De maneira geral, seus principais objetivos eram o desenvolvimento nacional, a justiça social e o poder popular.

“Os Montoneros foram a guerrilha argentina mais importante da década de 70. Entre seus líderes mais importantes podemos mencionar a Fernando Abal Medina, Carlos Gustavo Ramus, José Sabino Navarro, Emilio Maza, Carlos Capuano Martínez, Norma Arrostito, Mario Firmenich. Identificada como a esquerda peronista e com a realização do “Socialismo Nacional”, Montoneros enfrentou o governo militar autodenominado “Revolución Argentina” (1966-1973) e lutou pelo retorno de Perón sob o lema “Lute e volte” a organização se popularizou entre os jovens [...]” (Garategaray, 2012, p. 2).

E ainda:

“Alguns montoneros consideravam que o objetivo perseguido era uma variante nacional de socialismo; outros viam nele uma forma socialista de revolução nacional. Todos acreditavam que a principal contradição que afetava a Argentina era a do nacionalismo contra o imperialismo e que os interesses do país estavam representados por uma aliança popular mais multiclassista” (Gillespie, 2008, p. 434).

O grupo atuava em assaltos a bancos e sequestros, especialmente em acampamentos militares, com o objetivo de arrecadar dinheiro e armas, que segundo eles, seriam usados para a construção de uma nação livre, justa e soberana. Assassinaram importantes lideranças políticas e membros da Segurança Nacional, como o Major Júlio Argentino de Valle Larrabure.

“Habitualmente operavam em comandos integrados por homens e mulheres que realizavam acampamentos em localidades como Garín, na província de Buenos Aires, e a Calera, em Córdoba, assaltos a bancos, sequestros a empresários para obter fundos, roubo a caminhões de leite y sua posterior distribuição em bairros populares é o que eles chamavam

"ajusticiamientos", é dizer o assassinato de algum dirigente sindical ou algum chefe militar.”⁴

Aproximadamente em 1960, Montoneros iniciou sua luta a fim de desestabilizar o então governo de Arturo Frondizi (1958-1962); isso porque, para eles, este governo foi o grande responsável pela derrocada de Perón, com o golpe de estado conhecido como “revolução libertadora”, em setembro de 1955. Perón foi exilado, seu partido-justicialista foi proscrito, além de seus principais líderes sindicais perderem seus cargos e serem presos. A elaboração do projeto político organizado por Montoneros, esteve muito ligado a este contexto político, na medida em que foi a partir da derrocada de Perón e do distanciamento da maior parte da sociedade das atuações e lutas políticas, -haja vista a falta de esperança criada por toda essa situação citada acima- que o grupo organizou seu projeto político. Abaixo as pautas do projeto.

- 1.— Asunción de la guerra popular
- 2.— Adopción de la lucha armada como la metodología que hace viable esa guerra popular, mediante formas organizativas superiores.
- 3.— Absoluta intransigencia con el Sistema.
- 4.— Incansable voluntad de transformar la realidad.
- 5.— Identificación de la burocracia, como formando ' parte del campo contrarrevolucionario.
- 6.— Entronque efectivo en las luchas del pueblo
- 7.— Confianza ilimitada en la potencialidad revolucionaria de la clase trabajadora peronista
- 8.— Caracterización del General Perón, como conductor estratégico.
- 9.— Correcta evaluación sobre los amplios márgenes de posibilitantes de actuación dentro del Movimiento Peronista.
- 10.— Decisión de luchar hasta el costo de la propia vida.”⁵

Em 1970, sequestraram e assassinaram o ex-presidente da Argentina, Pedro Eugenio Aramburu⁶. Este era considerado o principal inimigo do grupo Montoneros, visto que foi responsável por dois crimes imperdoáveis para o grupo: a ordem de fuzilamento de 27 peronistas e a expatriação dos restos mortais de Eva Duarte de Perón.

“As nove em ponto da manhã do 29 de maio de 1970, dois jovens de uniforme militar subiram ao apartamento de um general aposentado, no piso oitavo de um edifício da rua Montevideo de Buenos Aires. O motivo de sua visita era lhe disseram, oferecer-lhe uma custódia. Por vários minutos sustentaram uma amável conversa durante a qual tomaram uma xícara de café..., até que um dos visitantes disse: “Meu general, você vem conosco”. Três dias depois o general havia deixado de existir, e a organização montonera fazia com ele uma sensacional aparição na cena política argentina. El Operativo Pindapoy, ou el Aramburazo” (Gillespie, 2008, p. 547).

⁴ Pigna, Felipe. La política en los 70. Captado em: <www.elhistoriador.com.ar>. Acesso em 05 set. 2014.

⁵ Documentos Montoneros. Captado em: <http://www.elortiba.org/docmon.html>. Acesso: 26 jun. 2015.

⁶ Pedro E. Aramburu foi presidente no período de 1955 a 1958, defendia uma linha mais dura em relação a peronismo, sindicatos e trabalhadores. A repressão se agudizou. Em resposta a resistência popular se reforça (Etulain, 2001, p. 103).

Para Montoneros, o assassinato de Aramburu tinha também significados simbólicos, visto que naquela data, 29 de maio 1970 os militares comemoravam o dia do Exército. O grupo pensou estrategicamente esse fato para sua divulgação em todo o país, o que para eles seria o batismo público do grupo.

A atitude de assassinar o ex-presidente legitimava a posição do grupo em utilizar todas as formas de luta contra a ditadura, inclusive a armada. Esse fato foi impactante para a sociedade e para os militares. “Assim, o Aramburazo deu aos Montoneros um nome que se fez familiar para todo mundo e foi bem acolhido pelos peronistas, mas não trouxe por completo a identidade política da organização” (Gillespie, 2008, p. 566).

Em 1974 o grupo Montoneros entrou para a clandestinidade. Com isso surgiram muitas dificuldades, tais como a falta de recursos e, sobretudo, a diminuição do contato político com as massas, entre outros problemas. Entretanto, as dificuldades se intensificaram ainda mais com o golpe militar de 24 de março de 1976, que levou à derrocada do governo de Isabel Perón. Um grupo de militares, liderados por Jorge Rafael Videla, e apoiado por grupos civis e pelos Estados Unidos, assumiu o poder.

O grupo, não tinha a dimensão do aparato montado pelos militares para destruição das organizações guerrilheiras, uma vez que a experiência vivida em golpes anteriores ao de 1976 não se comparava com esse último. Não imaginavam, por exemplo, a dimensão do aparato repressor montado pela ditadura que envolvia sequestros, torturas e assassinatos.

A estratégia do grupo era resistir à repressão por meio da luta armada. Entretanto, devido ao forte aparato montado pelo regime militar, o grupo foi desaparecendo rapidamente, haja vista, a frustrante estratégia de luta armada e também a grande repressão que se instalava naquele momento. Alguns dos integrantes do grupo não resistiram à violência das torturas e acabavam entregando informações a respeito da atuação do grupo. Dessa forma, os militares aumentavam a repressão, atingindo os principais quadros do movimento. Em outubro de 1976, a organização já apresentava muitas perdas. Segundo Marcelo Larraquy (2006, p. 126), “durante os dois primeiros anos de resistência armada, o exército Montonero da capital federal havia perdido 60% de suas forças”.

Enfim, é importante destacar, que a atuação dos grupos guerrilheiros neste período, não era fácil. Entretanto, podemos notar, que a causa pelo qual eles lutavam ultrapassava todas as dificuldades e era o que lhes mantinham nessa luta até o fim último de suas próprias vidas. Nessa perspectiva, poderíamos nos perguntar como se dava a atuação das mulheres neste período, já que a situação feminina envolvia o que podemos chamar de dupla militância, ou seja, duas posições de resistência ao mesmo tempo. A primeira era a resistência a uma sociedade machista que só aprovava a atuação feminina em espaços privados e a segunda a resistência ao sistema político instaurado. Dessa maneira, ser mulher militante era uma tarefa extremamente difícil, entretanto como veremos a seguir, isso não impedia a inserção e luta das mulheres nestes grupos.

2- A atuação das mulheres no grupo Montoneros

Para discorrermos sobre a atuação das mulheres, a discussão em torno do conceito de gênero se faz importante. O gênero é dado como uma construção social e cultural, e não como uma relação já estabelecida. As visões que justificavam que as diferenças entre homens e mulheres relacionavam-se apenas ou prioritariamente pelas diferenças biológicas já são questionadas pela historiografia e sociologia que tratam do tema, uma vez que as construções

culturais ganharam espaço nos estudos das relações de gênero. Tenta-se desmistificar o estabelecimento de características biológicas “manipuladas culturalmente”. As determinações de tais características colocam a mulher em uma condição “subalterna”, ou seja, em um mundo privado, apenas como cuidadora do lar e excluindo-a do mundo público.

Joan Scott define a categoria gênero, em seu uso mais recente, da seguinte maneira:

“Minha definição de gênero tem duas partes e várias sub-partes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único” (Scott, 1989, p. 2).

É importante ressaltar também, a questão das disputas por poder presentes nas relações sociais e, sobretudo, nas relações entre homens e mulheres. Os interesses e estratégias, também se fazem presentes nessas complexas relações, são eles, juntamente com o poder simbólico - que podem estar no âmbito do consciente ou inconsciente-, que legitimam o poder e consolidam os modos de vida e hábitos dos sujeitos. Assim, através das lutas e legitimações, alguns comportamentos se tornam naturalizados. As relações entre homens e mulheres, onde a mulher ocupa apenas o espaço privado e o homem é responsável por todo o espaço público, são exemplos desses comportamentos naturalizados, das lutas e legitimações de poder. Estas relações não se explicam apenas pela imposição ou coação, são legitimadas e construídas consciente e inconscientemente pelos próprios sujeitos.

Destarte, essas legitimações ocorrem de maneira inconscientemente, quando as próprias mulheres reproduzem o discurso masculino, o considerando natural, nas palavras de Bourdieu (1996), “um natural poder masculino”. Conscientemente, quando as próprias mulheres se colocam como insignificantes, atribuindo a elas mesmas características inferiores, se excluem do poder político e o reservam exclusivamente aos homens. Dessa maneira, podemos entender uma das vertentes que contribuíram, de forma decisiva, para que a história da humanidade, de homens e mulheres, fosse escrita apenas no gênero masculino.

“Para que a dominação simbólica funcione, é preciso que os dominados tenham incorporado as estruturas segundo as quais os dominantes percebem que a submissão não é um ato da consciência, suscetível de ser compreendido dentro de uma lógica das limitações ou dentro da lógica do consentimento, alternativa “cartesiana” que só existe quando a gente se situa dentro da lógica da consciência” (Bourdieu, 1996, p. 36).

Nas décadas de 1960 e 1970 muitas mulheres jovens se envolveram na luta política, Norma Arrostito, a Gaby, foi um dos exemplos de atuação feminina nesse período. Junto com ela, podemos citar Antônia Canizo, Amanda Peralta, Marta Bazan, entre outras.

“No Brasil, Marcelo Ridente encontrou 15 a 20% de mulheres nas organizações armadas, em dados obtidos nos processos contra elas. No Uruguai, entre os Tupamaros, Ana Maria Araujo menciona que um terço dos militantes eram mulheres. Da mesma forma, entre os militantes desaparecidos na Argentina, em torno de 30% eram mulheres. Para o Chile, Bolívia e Paraguai, não tenho ainda dados numéricos, mas a participação de mulheres em grupos de

guerrilha e resistência também é reportada” (Wolff, 2013, p. 3).

Por ser mulher, Arrostito, não conseguiu alcançar o poder merecido no grupo Montoneros. Participou do sequestro de Aramburu e foi uma figura emblemática dentro da organização. Não era usual uma mulher fazer parte da condução de um grupo guerrilheiro, e no caso do Montoneros, não foi diferente. “[...] Fue relegado por un problema de gestión de conducción machista. El grupo inicial quedó marginado. En una etapa estuve muy sola” (Saidon 2005, p. 56).

E ainda:

“No entanto, como tem enfatizado distintas investigações, foram poucas as mulheres que participaram de responsabilidades de direção e frequentemente lhes davam tarefas associadas a condição feminina. A reestruturação das relaciones de género teve um lugar secundário nas organizações de esquerda” (Cosse, 2010, p. 144).

Norma foi a única montonera, juntamente com Fernando Abal Medina, que foi à Cuba para receber treinamento militar, haja vista que o restante do grupo quase não tinha conhecimento acerca da luta armada. Norma participava ativamente naquele grupo, opinava nas decisões político- ideológicas e nas questões técnicas de segurança, tais como usos de explosivos, entre outros. Mesmo considerando seu significativo papel, nunca alcançou a liderança do grupo, nem mesmo com a morte de Fernando Abal Medina, um dos mais importantes integrantes do grupo. “Además, para todos los demás, amigos y enemigos siguen siendo la Norma Arrostito, el bronce, pero más allá de las posiciones formales como una nominación en el gobierno de Oscar Bidegain” (Saidón, 2005, p. 131).

É importante ressaltar, que a situação das mulheres militantes na ditadura civil militar era muito complicada, principalmente se pensarmos na vulnerabilidade da sua condição de mulher nos centros de tortura, sendo bastante exploradas pelos militares. Muitas delas foram levadas aos centros de tortura grávidas, e seus filhos foram entregues para famílias de militares e de civis, desestabilizando psicologicamente a militante. Além disso, muitas delas foram estupradas pelos seus algozes. Enfim, mesmo tendo conhecimento desses fatos e com todos os riscos, muitas mulheres tiveram atuação política intensa nesse período.

Em dois de dezembro de 1976, Norma foi capturada e levada para o centro de detenção, Escola de Mecânica de Armada –ESMA, onde passou os últimos 410 dias de sua vida. Foi usada como troféu pelos militares. Quando chegavam os novos detidos, eram levados até ela com o objetivo de desestruturá-los psicologicamente.

“Lo primero que hacían los marinos cuando llegaban a la Escuela de Mecánica de la Armada (ESMA) con un nuevo detenido-desaparecido era llevarlo al sótano, donde estaban las salas de tortura y allí presentarle el trofeo. Parte de la “charla” de bienvenida al recién llegado era: Ustedes creen que a los de la conducción, si los agarramos los masacramos. Bueno, acá la tenemos a la Arrostito. Creías que la habíamos matado. No. Está viva. La tenemos nosotros” (Saidon, 2005, p. 151).

Diferente de muitos dos capturados, do referido centro de detenção, Norma, expressava tranquilidade e aceitação à sua condição de detida.

“La Gaby tenía una actitud distinta de la de todos los demás, parecía un muerto viviente. Era una especie de presencia fantasmagórica. Era una persona muy cálida, muy estrañable, muy

sonriente, daba la imagen de alguien que tiene paz interior, que ha aceptado su destino” (Saidón, 2005, p. 163).

Dessa forma, podemos pensar que a luta de Norma pela libertação do seu país e do seu povo, ultrapassava sua própria necessidade de permanecer viva naquele momento. Essa é uma das razões pela qual Norma aceitava sua condição de detida.

“Norma es una tipa muy coherente en su pensamiento y su acción. Ella pensaba algo e lo llevaba a cabo. Era una persona muy sencilla tanto en su presencia como en sus planteos. Era revolucionaria, porque sos revolucionario em función de que dejaste todo para seguir una lucha por la libertación de tu país, de tu pueblo, por conseguir um objetivo político. Para eso necesitás ser algo más que um guerrillero, um soldado. Tenés que tener la convicción y el empuje para hacer eso. Ella los tenía. A pesar de todas las cosas que vivió, aún em la ESMA, fue coherente com lo que pensaba. Si no, no hubiera terminado así”(Saidón, 2005, p. 95).

Destarte, devemos compreender não só Norma Arrostito, mas todas as militantes, como atores históricos atuantes em diferentes espaços políticos, em que se fazem presente diferentes formas de poder e conflito. Entendendo assim, estas relações como lutas e legitimações da mais diferentes formas de poder e não necessariamente como manipulação e coerção.

Considerações Finais

Estudar as mulheres que atuaram no grupo Montoneros é importante, principalmente para questionarmos os espaços políticos masculinizados e para refletirmos a respeito da adaptação das mulheres a estes espaços, com objetivo, muitas vezes, de atuação própria, sem necessariamente ser dependentes dos homens para desenvolvimento de diferentes atuações políticas.

Além disso, a importância do estudo das mulheres se fundamenta, na sua grande inserção nos grupos guerrilheiros mesmo com todas as dificuldades, inclusive da dupla militância. Levando tudo isso em consideração, não podemos omitir o estudo de sujeitos tão importantes e atuantes na história, uma vez que, assim corremos o risco de não compreendemos diferentes perspectivas da mesma. Dessa forma, devemos então, abordar, homens e mulheres de forma igualitária entendendo suas implicações, relações históricas, e lutas políticas ao longo do tempo. Por conseguinte, Devemos refletir, acerca das relações entre homens e mulheres quebrando sistemas estáticos e assimétricos, que existem entre estas relações.

Bibliografia

Bourdieu, Pierre 1998 (2002). *Coisas ditas*. (São Paulo: Brasiliense).

COSSE, Isabella. (2010). *Pareja, sexualidad y familia en los años sesenta*. (Buenos Aires: Siglo XXI).

Documentos Montoneros. Captado em: <http://www.elortiba.org/docmon.html>. Acesso: 26 jun. 2015.

Etulain, Carlos Raul. (2001) *A esquerda e o peronismo*. 336 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e ciências Humanas, Campinas.

Garategaray, Martina (2014) “Montoneros Leales a Perón: Notas Sobre la Juventud Peronista Lealtad”. *Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas*. Disponível em: <<http://revistas.um.es/navegamerica/issue/view/11421>>. Acesso em: 22 jun 2014

Garcia, Marco Aurélio (2014) “O Gênero da Militância: Notas sobre as Possibilidades de Uma Outra História da Ação Política”. *Biblioteca Digital Unicamp*, 1997. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51159>. Acesso em: 12 jul. 2014.

Gasparini, Juan 1999 (2008) *Montoneros. Final de Cuentas*. (La Plata: De la Campana).

Gillespie, Richard (1998) *Soldados de Perón: Los Montoneros*. (Buenos Aires: Grijalbo S.A.,).

La Fuente, Ariel (2007) *Los hijos de Facundo*. (Buenos Aires: Prometeu).

Lanusse, Lucas (2005) *Montoneros. El mito de los 12 fundadores*. (Buenos Aires: Ediciones B Argentina S.A).

Larraquy, Marcelo (2006) *Fuimos Soldados: Historia Secreta de la Contraofensiva Montonera*. (Buenos Aires: Aguilar).

Pigna, Felipe. (2014) “La Política en los 70”. *Revista El Historiador*. Disponível em: <www.elhistoriador.com.ar>. Acesso em: 05 jul. 2014.

Rocha, Maria Marina de Lira (2014) *Uma onda de lama e sangue ameaça cobrir a República: Os discursos sobre a violência no governo de Isabelita Perón (junho de 1975- Março de 1976)*. 2011. 207f. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, UFF, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <www.historia.uff.br/stricto/td/1479.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2014.

Saidón, Gabriela (2005) *La Montonera Biografía de Norma Arrostito*. (Buenos Aires: Sudamericana).

SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil para análise histórica*. 1989. New York: Columbia University Press, 1989 35f. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51008>. Acesso em: 20 fev. 2014.

SOUZA, Camila Fontes. *La acción cambiante: da luta armada aos direitos humanos nos cartazes argentinos (1973-1984)*. 2013. 158f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06012014-122402/pt-br.php>>. Acesso em: 22 maio 2014.

TILLY, A. Louise. Gênero, História das Mulheres e História Social. *Biblioteca Digital Unicamp*, 1990. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51008>. Acesso em: 10 maio 2014.

VEIGA, Ana Maria. *Um território a ser definido: corpos, gênero e ditaduras*. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <www.hcomparada.historia.ufrj.br/.../volume003_Num002_artigo004.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2014.

WOLFF, Cristina Scheibe. Gênero e maternidade nos movimentos de resistência contra as ditaduras no Cone Sul, América do Sul. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27º, 2013, Natal. *Anais...* Natal: Anpuh, 2013.